PLANTAS DO CEARÁ (*)

RENATO BRAGA

CHUVA DE OURO. — Cróton.

CIDRA — *Citrus Medica* Linn, da família das Rutáceas.

Arbusto ou arvoreta de ramos longos e irregulares, com espinhos curtos, agudos e duros. Fôlhas verde-pálidas, oblongas, obtusas no ápice, com as margens serreadas e os pecíolos curtos e alados. Flores perfumadas, de pétalas brancas na parte superior e avermelhado-purpurinas na inferior, dispostas em panículas terminais ou na axila das fôlhas. Fruto oval ou oblongo, até 20 cm. de comprimento por 15 de diâmetro, tendo casca muito espêssa, escabrosa, com um mamelão no ápice, fragrante e amarelo-limão quando madura. Polpa escassa e ácida. Sementes ovais, lisas e brancas.

Entre nós, a sua utilidade se limita às cascas, aproveitadas na confecção de excelente doce cristalizado ou em calda.

Originária da Ásia, apresenta muitas variedades, encontrando-se o seu principal centro de cultura na bacia mediterrânea.

CINAMOMO. — *Melia Azederach* Linn., da família das Meliáceas.

Árvore de mais de 10 m. de altura, cujos galhos rebentam desde a parte inferior do tronco. Fôlhas alternas, longo-pecioladas, glabras, bipinadas, com folíolos ovais ou lanceolados, agudos. Flores pequenas, em grandes panículas erectas e multifloras, cheirosas, lilazes na côr e de anteras amarelas. Drupa ovoide e pequena, amarela quando madura.

Cresce ràpidamente, quer por semente, quer por estaca. Limita-se o seu emprêgo à feitura de maciços e sombreamento de alamêdas. Flores melíferas. Há dúvidas a respeito do aproveitamento da sua folhagem, que dizem ser tóxica, como alimento para o gado. Mas em certas regiões da índia é a forragem comum dos bois, carneiros e cabras.

Natural do sul da Ásia, hoje subespontânea em quase todos os países tropicais. *Jasmim de Soldado, Flor de Viúva* e *Jasmim de Viúva* em Pernambuco; *Sabonete de Soldado,* na Bahia; *Cinamomo,* no Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul e também *Viuvinha,* inclusive no Ceará; *Paraiso,* ainda no Rio Grande do Sul.

CIPÓ. — Nome comum a grande número de plantas sarmentosas, arbustos escandentes e às lianas em geral. Cipó é corrutela de *içapó,* galho-mão, que é o mesmo que dizer — galho apreensor.

CIPÓ BAÚNA. — Cipó Para-Tudo.

(*) Vide Revista do Instituto do Ceará, t. LXV (1951), p. 229.

CIPÓ DE CABOCLO. — *Davilla rugosa* Poir., da família das Dileniáceas.

Trepadeira lenhosa, robusta, áspera, pilosa. Fôlhas variadas, pecioladas, rijas, silicosas, elíticas, denteadas, cobertas de pêlos ásperos na face superior e, inferiormente, nas nervuras, mais ou menos hirsutos. Flores pequenas, amarelo-pálidas, aromáticas, em racimos. Fruto envolto pelas sépalas.

Depurativa de fama e ainda adstringente, emoliente e purgativa. Os ramos prestam-se a obras trançadas.

Do Pará até São Paulo. *Sambaíba,* em diversos Estados.

CIPÓ CAMARÃO. — Nome de diversas Bignoniáceas do gênero *Arrabidea* (*A. dispar* Burm. *A. parviflora* Burm. & Schum., *A. platyphylla* Burm. & Schum., *A. rhodantha* Burm. & Schum., *A. rotundata* Burm., *A. subverticillata* Burm. & Schum., *A. trichoclada* Burm. & Schum.).

CIPÓ CANINANA. — Caninana.

CIPÓ CRUZ. — Cainca.

CIPÓ CURURU. — *Echites Cururu* Mart. (*Anisolobus Cururu* Muell. Arg.), da família das Apocináceas.

Arbusto escandente, glabro, de ramos verrucosos, lactescente. Fôlhas pecioladas, decussadas, oblongo-ovadas, coriáceas, luzidias. Flores grandes, hipocrateriformes, dispostas em racimos axilares.

Cascas desobstruentes. Látex resolutivo. Flores ornamentais.

CIPÓ D'ÁGUA. — *Amphilophium Vauthieri* P. DC. (*Amphilophium glanduliferum* Mart.), da família das Bignoniáceas.

Planta escandente, grande, atingindo até 25 m. de altura, de ramos angulosos com profundos sulcos cinzento-avermelhados. Fôlhas opostas, 3-foliadas ou com o folíolo terminal ausente ou substituído por uma gavinha trífida e bastante caduca. Flores grandes, purpúreas, em panículas pouco ramificadas. Cápsula ovoide, de 5 cm. de comprimento.

Do México e Antilhas até a Argentina setentrional. Talvez em todo o Brasil.

CIPÓ DA PRAIA. — *Remirea maritima* Aubl., da família das Ciperáceas.

Erva rasteira, rizomatosa, com fôlhas rígidas, canaliculadas, estriadas e disticadas. Flores em pequenas espigas dispostas em capítulo. Aquênio trigono, comprimido e membranáceo.

Rizoma longo, aromático, diurético e sudorífico.

Cresce nas praias e circunvizinhanças mesmo lavadas pelas ondas. É uma das plantas dominantes dêsse ambiente. América tropical. *Carrapicho de Cavalo,* na Bahia; *Baba de Boi,* no Rio de Janeiro.

CIPÓ DE CESTA. — *Melloa populifolia* Burm. (*Bignonia populifolia* DC., *Bignonia unguiculata* Vell.), da família das Bignoniáceas.

Trepadeira arbustiva com fôlhas conjugadas, compostas de 2-3-folíolos inteiros, ovais, quase glabros, com gavinha trífida. Flores amarelas, irregulares, em cimeiras terminais. Cápsula de 4 lobos lenhosos e curtos.

América do Sul. Do Ceará ao Rio Grande do Sul.

CIPÓ DE CHUMBO. — O nome abrange as seguintes plantas parasitas:

1. — *Cassytha americana* Nees, da família das Lauráceas. — Trepadeira sôbre arbustos e ervas, afogando-os com a abundância de sua ramagem. Passa por hemostática.

Antilhas, Guianas, Norte e Nordeste do Brasil. *Erva de Chumbo,* na Amazônia.

2. — *Cuscuta americana* Linn. — América Meridional e Antilhas. Todo o Brasil.

3. — *Cuscuta incurvata* Prog. — Do Nordeste a S. Paulo e Minas Gerais.

4. — *Cuscuta racemosa* Mart. — Talvez a espécie mais disseminada no Brasil.

5. — *Cuscuta tinctoria* Mart. — Quase todo o Brasil e outros países americanos.

6 — *Cuscuta umbellata* H. B. K. — Em quase todo o Brasil.

As *Cuscutas* são *Convolvuláceas* herbáceas, trepadeiras, desprovidas de raízes e clorofila, completamente áfilas ou de fôlhas atrofiadas, com caules longos, filamentosos, emaranhados pelas árvores ou cobrindo totalmente os arbustos. Parasitas perfeitas, vivem à custa das hospedeiras, retirando-lhes a seiva por meio de haustórios que se imiscuem pela intimidade dos tecidos das vítimas.

CIPÓ DE ESCADA. — A denominação engloba a *Bauhinia radiata* Vell. (Ceará ao Rio de Janeiro) e a *Bauhinia rubiginosa* Bongl (Guianas, Amazônia ao Brasil Central). Esta última é conhecida por *Mororó*, em Pernambuco, e *Escada de Jabuti*, na Bahia. Ambas no sul do país são chamadas de *Escada de Macaco*.

Trata-se de Leguminosas Cesalpinióideas, com fôlhas unijugas, luzidias, bilobadas no ápice, tendo o caule ondulado, cheio de curvas alternadas, dando a idéia dos degraus de uma escada. Prendem-se aos troncos e às copas das árvores por meio de ganchos espiraliformes.

CIPÓ DE FOGO. — Denominação das seguintes plantas:

1. — *Euphorbia phosphorea* Mart. da família das Euforbiáceas. — Arbusto áfilo, cactiforme, de caule e ramos agudo-angulosos, com articulações espêssas e estreitas, revestidas por uma substância caráceo-resinosa, amarelo-acinzentada, que se destaca fàcilmente, quando sêca. Possui látex brancacento, irritante à pele, mas fosforescente, brilhando à noite, propriedade que deu à planta tanto o nome específico como o vulgar. A camada ceráceo-resinosa os sertanejos empregam na iluminação. Usam os ramos novos tòpicamente contra úlceras atônicas e verrugas. Excelente para cêrcas vivas.

Planta típica dos sertões xerófilos do Nordeste. *Cananã, Mandacaru de Leite*, na Bahia.

2. — *Cissus erosa* L. C. Rich (*Vitis erosa* Bak.), da família das Vitáceas. — Trepadeira de caule lenhoso, quadrangular, até 6 m. de comprimento. Fôlhas 3-lobadas, ovais, pecioladas, glabras, crenadas. Flores vermelhas ou roxas, numerosas, dispostas em cimeiras longo-pedunculadas opostas às fôlhas. Baga monospérmica, sucosa.

Espécie urente de tôda a América tropical. Do Amazônas a São Paulo. *Uva Brava*, em São Paulo.

3. — *Pyrostegia ignea* Presl. (*Bignonia ignea* Vell., *Pyrostegia venusta* Baill.), da família das Bignoniáceas. — Planta volúvel, grande, forte e lenhosa. Fôlhas compostas de 2-3 folíolos oblongos, muitas vêzes glabros, inteiros. Flores irregulares, tubulosas, grandes, vermelho-laranja, muitos vistosas, dispostas em panículas terminais, multifloras, pendentes.

Cultivada nos jardins de quase todo o orbe, prestando-se admiràvelmente para revestir caramanchões, gradis, muros, tendo ainda abundantíssima floração de lindo efeito ornamental.

Nativa na América do Sul. *Cipó Pé de Lagartixa* ou *de Lagarto, Cipó de Fogo*, na Bahia; *Flor de S. João, Marquesa de Belas*, no Rio de Janeiro; *Belas, Cipó Bela Flor* e *Flor de S. João*, em S. Paulo; *Cipó de São João*, no Rio Grande do Sul.

CIPÓ DE LAVADEIRA. — *Reissekia smilacina* Endl., da famílias das Ranáceas.

Trepadeira de caule lenhoso e ramos flexuosos, angulares e munidos de gavinhas. Fôlhas alternas, curto-pecioladas, ovado-cordiformes, agudas, finamente serreadas, pilosas. Flores pequeníssimas, amarelas, em cimeiras axiliares e terminais.

Cresce à beira dos rios. Raízes carnosas, havidas como antisifilíti-

cas. As lavadeiras acidentalmente empregam as fôlhas verdes, que produzem abundante espuma, em vez de sabão.

CIPÓ DE LEITE. — *Condylocarpus Rauwolfiae* Muell. Arg., da família das Apocináceas.

Trepadeira lenhosa, lactescente, grande, mas de ramos finos. Fôlhas longo-pecioladas, 3-verticiladas, inteiras, glabras, elíticas. Flores pequeninas, brancas, hipocrateriformes, em cimeiras terminais. Cápsula pêndula, comprida, dividida longitudinalmente em lobos chatos.

Do Piauí a São Paulo e Minas Gerais.

CIPÓ MACACO. — *Calopogonium coeruleum* Desv. (*Stenolobium coeruleum* Benth.), da família das Leguminosas Palionóideas.

Trepadeira alta, com flores azuis, pequenas, em racimos longos.

América tropical. No Ceará, é freqüente nas quebradas das serras frescas. Em Pernambuco, tem, também, o apelido de *Catinga de Macaco.*

CIPÓ DE SÃO JOÃO. — *Banisteria eglandulosa* Juss., da família das Malpiguiáceas

Trepadeira de fôlhas longo-pecioladas, ovado-oblongas ou elíticas, agudíssimo-acuminadas, glabras e luzidias na página superior e pubescente na inferior. Flores ferrugíneo-aveludadas dispostas em racimos umbeliformes terminais, paniculados.

Ceará, Paraíba e Bahia.

CIPÓ DE VAQUEIRO. — Cipó de Fogo (*Cissus erosa* L. C. Rich).

CIPÓ DO MATO. — Trepadeiras de fôlhas compostas 2-3 folíolos, pubescentes, às vêzes com gavinhas, de flores campanuladas, pertencentes ao gênero *Adenocalymma,* da família das Bignoniáceas: *A. marginatum* P. DC , *A. scabriusculum* Mart *A. splendens* Burm. & Schum.

CIPÓ DO RIO. — *Coccoloba* sp., da família das Poligonáceas.

Trepadeira das margens e várzeas dos rios nordestinos. Produz uma baga adocicada, comível.

CIPÓ IMBÉ. — Imbé.

CIPÓ MILOME. — Milome.

CIPÓ PRA TUDO. — Baúna.

CIPÓ PELUDO. — *Polypodium vaccinifolium* Langsd. & Fisch., da família das Polipodiáceas.

Planta de talo com o formato de um cordão, coberto de pêlos brunos. Pseudo-fôlhas ou frondes verde-escuras, inteiras, glabras, curtamente pecioladas, com tufos pilosos na nervura mediana, longo-elíticas quando férteis e ovais quando estéreis.

Cresce nos sítios sombrios, prostrada sôbre as pedras ou enrolada a outras plantas. Goza de propriedades hemostáticas.

América tripocal. Todo o Brasil. *Erva Silvina,* na Bahia; *Erva de Lagarto,* no Rio de Janeiro.

CIPÓ QUEBRADOR. — *Fridericia speciosa* Mart. (*Fridericia guilielma* Mart.), da família das Bignoniáceas.

Planta trepadeira de fôlhas trifoliadas, longo-elíticas. Flores hipocrateriformes, cálice e corola vermelhos, com tubo amarelo ou quase branco, em panículas decussadas, amplas, terminais. Fruto capsular.

Deveria ser cultivada como uma das mais belas trepadeiras ornamentais, especialmente para cobertura de caramanchões.

Do Nordeste (típica das catingas) ao Rio Grande do Sul. *Cigana do Mato,* em Minas Gerais; *Cipó Vermelho,* no Rio Grande do Sul.

CIPÓ TIMBÓ. — Timbó.

CIPÓ UNA. — *Arrabidaea platyphylla* Burm. & Schum. (*Bignonia brachypoda* DC., *Bignonia platyphylla* Cham., *Petastoma platyphyllum* Miers.), da família das Bignoniáceas.

Arbusto trepador, com ramos cilíndricos e estriados, quase sempre pubescentes. Fôlhas curto-pecioladas, compostas de 2-3 folíolos ovados, oblongos ou elíticos, tomentosos e aveludados na página inferior. Flo-

res róseas ou roxas, grandes, em panículas terminais ramosíssimas.

Do Maranhão até São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

CIPRESTE. — Apelido de várias Pináceas, interessando-nos as duas seguintes:

1. — *Cupressus lusitanica* Mill. (*Cupressus glauca* Lam.) — Árvore de crescimento rápido, produtora de bôa madeira para construção e obras de carpintaria e marcenaria, além do seu valor ornamental.

Sôbre o seu indigenato, as opiniões oscilam entre a índia, Portugal e México.

2. — *Cupressus sempervirens* Linn. — Árvore de 10-20 m. de altura, de copa cónico-piramidal, grande, verde-escura.

Em tôda a bacia do Mediterrâneo foi sempre a árvore preferida para assinalar o local de repouso dos mortos e marginar o adro dos templos rústicos, costume que se irradiou pelo mundo afora. Com a madeira duríssima do cipreste eram feitos os caixões fúnebres dos gregos e romanos; com a sua lenha resinosa e perfumada, as fogueiras em que se incineravam os cadáveres dos homens ilustres.

O fruto e a casca são adstringentes e peitorais. O lenho fornece madeira de grande durabilidade para marcenaria, carpintaria, suportes, estacas e lenha. Da madeira, ainda, se pode extrair um óleo volátil, lumbricida e inseticida, recomendado na conservação das coleções de ciências naturais. Entre nós é exclusivamente ornamental.

CIRIGUELA. — *Spondias purpurea* Linn. (*Spondias myrobalanus* Jacq., *Spondias Mombin* Descourt.), da família das Anacardiáceas.

Árvore pequena, de tronco grosso e tortuoso, um tanto esparramada, com a casca branco-acinzentada e gretada. Fôlhas de 10-20 cm. de comprimento, compostas de 5-12 pares de folíolos oblongo-elíticos, oblíquos, pontudos ou arredondados nos vértices, inteiros ou ligeiramente serreados. Flores castanho-purpurinas em pequenas panículas dispostas ao longo dos ramos. Frutos isolados ou em cachos de 2-3, ovais ou oblongos, de 3-5 cm. de comprimento, variando na côr entre o vermelho-vivo e o amarelo, com a casca lisa, fina, cobrindo uma polpa amarelada, sucosa, comumente açucarada, que reveste 1 caroço grande, branco e suberoso.

Fruto comestível ao natural e sob a forma de geléia, compota e como refrigerante.

O nome vulgar é uma evidente corrução de *ciruela*, apelido pelo qual é conhecida no mundo da língua espanhola.

Originária da América tropical. Muito cultivada no México e na América Central, porém pouco no Brasil. Sendo recente a sua introdução no Ceará, é mais recente ainda em São Paulo, onde as primeiras sementes foram plantadas a 6 de junho de 1938, na Secção de Genética do Instituto Agronômico de Campinas.

CÍRIO DE NOSSA SENHORA. — Nome das seguintes Liliáceas:

1. — *Yucca filamentosa* Linn. — Planta de caule curto, 30-60 cm. de comprimento, lenhoso. Fôlhas lanceoladas e ponteagudas, rígidas, cinéreo-azuladas, com os bordos guarnecidos de fios compridos e brancos, agrupadas nas extremidades dos ramos em densas rosetas. Flores ciatiformes, brancas, em grandes panículas até 2 m. de comprimento.

2. — *Yucca gloriosa* Linn. — Parecida com a precedente, tendo o caule de 1-3 m. de comprimento, geralmente sem ramos e com as fôlhas desprovidas de filamentos. Flores pálidas, em grandes panículas terminais.

Originárias das regiões áridas do México. Cultivadas nos jardins pelo magnífico efeito ornamental de suas inflorescências, cujas flores são noturnas, abrindo-se cada qual durante uma única noite. Como, porém, são centenas, a floração dura diversos dias.

São ainda conhecidas por *Lancêta, Árvore da Pureza, Baioneta, Iúca*.

CIÚME. — Hortênsia.
CIUMEIRO. — Hortênsia.
COAÇU. — Cauaçu.
COCÃO. — *Esenbeckia macrocarpa* Hub., da família das Rutáceas. Árvore de fôlhas alternas e fruto capsular grande, encontrado no alto da Serra de Baturité. O lenho fornece madeira para bengalas.
CÔCO. — *Cocos nucifera* Linn., da família das Palmáceas.
Estipe flexível, resistente, elegante, um pouco curvado, com 20-30 m. de altura sôbre 20-40 cm. de diâmetro, coroado por um penacho de fôlhas verticiladas, pinadas, tendo 4-5 m. de comprimento, entre as quais nascem as inflorescências. Espadices ramosas, cobertas de flores pequenas, as masculinas situadas na parte superior e as femininas nas ramificações inferiores, defendidas por dupla espata, a exterior mais curta e aberta no ápice, a interior lenhosa. Fruto drupáceo, ovoide ou elpisoide, ligeiramente trigono, atingindo às vezes 30 cm. de diâmetro, monospermo, raramente com 2-3 sementes. A casca é tripla. Compõe-se de um mesocarpo fibroso, *bucha* no dizer vulgar, de 2-4 cm. de grossura, revestido de epicarpo liso, ceroso e impermeável à água. A última camada, que o povo denomina de *quenga*, é o endocarpo, parte lenhosa e rija do côco, com 5 mm. de espessura, fusco na côr, ovol-arredondado, com 3 suturas longitudinais pouco definidas, alternando com outras tantas cicatrizes na base. Aderente ao endocarpo, por um tegumento delgado, pardacento, vem uma grande amêndoa, aliás uma das maiores sementes do reino vegetal, de 1 cm. de espessura, chegando raramente aos 3, branca, carnosa e de sabor agradável. É o *miolo do côco*. No espaço vazio da semente encontra-se, na quantidade de 100 a 250 gr. por fruto, um líquido aquoso — *água de côco* —, claro, levemente acidulado ou adocicado, um pouco picante, pelo ácido carbônico que encerra. Quando se percebe o vascolejar do líquido na noz, diz-se que o *côco canta* e, quando a água desaparece, passa a ser *côco velado*.
Além da variedade anã —*Coqueiro Anão* —, Gregório Bondar reconheceu as seguintes: *verdadeiro* ou *da Índia, vermelho, caboclo* e *branco*.
Quanto à sua origem, os autores se dividem entre a costa ocidental da América tropical, o continente asiático na sua parte meridional, o Arquipélago Indiano e as ilhas do Oceano Pacífico.
O côco ou coqueiro é cosmopolita das formações halófitas e costeiras da zona tropical, comunicando a sua presença feição típica aos litorais, tornando-se, por vêzes, a vegetação quase exclusiva de certos lugares, como acontece nas ilhas coralinas do Pacífico, cuja população humana depende totalmente dos produtos desta palmeira. A sua existência à borda do mar deve ter sido o fator precípuo de sua grande disseminação de costa a costa, através dos oceanos, dispersão que conta a seu favor com a própria estrutura do fruto, capaz de suportar longas viagens marinhas, sem perder a faculdade germinativa. Em extensão, não há outra palmeira que a sobrepuje em valor econômico. A amêndoa (*copra*) e o mesocarpo fibroso (*cairo*) são matérias primas de grande relêvo industrial.

Tôda a faixa litorânea nordestina se presta ao cultivo desta palmácea, até agora limitado à produção de frutos verdes para a extração da água de côco, como bebida refrescante, e de frutos maduros para o fabríco caseiro de doces e de um rudimentaríssima indústria de óleo usado na perfumaria, saboaria e culinária. O suco do côco maduro (*leite de côco*) é usadíssimo no preparo de certos pratos e bolos, constituindo, nas praias, o condimento por excelência.

A composição química da amêndoa fresca, juntamente com a película que a envolve, é a seguinte:

Água	46,9%
Proteína	3,4%

Gordura 34,7%
Hidratos de carbono 14,0%
Sais 1,0%
Valor calórico por 100gr. — 382.

De um trabalho de Lachille Abel, resumido na *Revista de Agricultura*, v. IV, n. 11-12, Piracicaba (São Paulo), p. 511, transcrevo os seguintes trechos:

'As análises efetuadas pelo autor, no laboratório do Instituto Pasteur de Saigon, sôbre a água de côco, demonstram que sua composição varia enormemente segundo a variedade, a idade da árvore, a região onde vegeta o coqueiro, o estado de maturação do fruto, etc.

Pode se dizer, contudo, que a água dos côcos desenvolvidos, porém não maduros, contem 50-55 grs. por litro de açúcares redutíveis (glucose, levulose). Os sais minerais, representados principalmente pelo potássio, sódio, cal, fosfatos e clorêtos, são encontrados em proporção de 3,5 a 5,5 grs. por litro.

Para obter a água, escolhem-se côcos verdes porém desenvolvidos e cuja cavidade interior esteja perfeitamente cheia. O côco amadurecido, sua água diminui, perde em açúcar e torna-se salina e de paladar pouco agradável.

As análises indicam que a água, nos côcos maduros, contém, por litro, em média, 20 grs. de açúcares e 5 a 6 grs. de sais minerais, aumentando também ligeiramente a proporção das substâncias azotadas. A água dos côcos maduros só deve ser aproveitada para abeberar os animais, adicionada na água comum.

Pela sua composição, a água de côco pode ser utilizada com resultado na terapêutica; é um verdadeiro sôro vegetal e uma bebida alimentícia. As experiências em doentes de beriberi, neurastenia, anemia paludosa, pneumonia gripal, etc. forneceram resultados satisfatórios e podem ser resumidos no seguinte: 1) — que a água de côco tomada na dose de 1/2 litro por dia não é tóxica, quando proveniente de côcos verdes e desenvolvidos; 2) — que a água de côco é um diurético poderoso e que pode exercer uma ação benéfica em muitas afecções agudas ou crônicas".

Ensina-nos Rodolfo Dalgado que côco é velha palavra do português continental, "que antigamente se empregava, como se emprega ainda hoje em castelhano, por *papão*". Dêsse insigne autor transcrevo, de entre muitos, os seguintes exemplos abonadores:

"Os nossos lhe chamão *côco*, nome imposto pelas mulheres a qualquer cousa com que querem fazer mêdo às crianças, o qual nome assim lhe ficou que ninguém lhe sabe outro". — João de Barros. Déc. III, III, 7.

"E nós os Portugueses, por ter aqueles três buracos, lhe posémos o nome *coquo;* porque parece rosto de bugio ou de outro animal". — Garcia da Orta, Col. XVI".

CÔCO ANÃO. — Côco.
CÔCO BABÃO. — Catolé (*Syagrus picrophylla* Barb. Rodr.).
CÔCO CATOLÉ. — Catolé.
CÔCO DA BAHIA. — Côco.
CÔCO DA PRAIA. — Côco.
CÔCO PALMEIRA. — Babaçu.
CADORNA. — Carnica.

COENTRO. — *Coriandrum sativum* Linn., da família das Umbelíferas.

Planta herbácea de fôlhas compostas, pinatífidas, finas. Flores alvas, pequenas, dispostas em umbelas. Diaquênio globoso, miúdo.

As fôlhas e os ramos do coentro constituem, juntamente com as da cebola da terra, o condimento verde de uso diário em nossas cozinhas.

Por todo o Nordeste é cultivado em canteiros elevados do chão. Carminativo, hemostático.

Oriundo da Europa meridional e do Oriente Próximo.

COENTRO BRAVO. — *Erygium foetidum* Linn., da família das Umbelíferas.

Erva rasteira, glabra, com uma roseta basal de fôlhas oblanceoladas ou espatuladas, serreadas, com os dentes terminados em cerdas. Inflorescência em capítulos bracteados de flores pequenas, brancas ou verdoengas, reunidos em umbelas.

Tôda a planta, especialmente as raízes, tem cheiro característico, intenso, que lembra o do coentro comum. Afrodisíaca, antispasmódica, diurética, abortiva.

Nos terrenos baixos e úmidos. Antilhas e América tropical. Quase todo o Brasil. *Coentro do Pará*, em Pernambuco; *Coentro de Caboclo* e *Coentro do Maranhão*, ainda no Ceará.

COENTRO DE CABOCLO. — Coentro Bravo.

COENTRO DO MARANHÃO. — Coentro Bravo.

COIRAMA. — *Bryophyllum pinnatum* Kurz. (*Cotyledon pinata* Lam., *Bryophyllum calysinum* Salisb.), da família das Crassuláceas.

Erva suculenta, perene, glabra, de 1-1,5 m. de altura. Fôlhas opostas, pecioladas, simples, crenadas e muito carnudas. Flores pendentes, em cimos paniculados e multifloros, de cálice inflado e esverdeado e corola castanho-vermelha.

Tem a propriedade de multiplicar-se pelos ângulos das crenas e nervuras, mesmo se a fôlha estiver dilacerada, prêsa a uma parede, a uma árvore ou a um sítio qualquer sombreado. As fôlhas são peitorais, emolientes e refrescantes topicamente.

Nativa nos trópicos do Velho Mundo. Em quase todo o Brasil. *Fôlha da Fortuna* e *Fôlha da Costa*, em Pernambuco e Estados meridionais; *Fôlha da Costa* e *Coirama*, na Bahia.

COIRAMA BRANCA. — *Kalanchoe brasiliensis* Camb., da família das Crassuláceas.

Erva grande e suculenta. Fôlhas opostas, carnosas, ovais, denteadas. Flores numerosas, amarelo-avermelhadas, em cimos paniculados. Folículo pequeno contendo sementes miúdas.

O suco das fôlhas emprega-se contra as frieiras. Fôlhas refrescantes.

Natural do Brasil.

Coirama é uma evidente adulteração de *Coerana*, nome pelo qual esta espécie é conhecida em Pernambuco. Nos Estados sulinos a chamam de *Saião*.

COITÉ. — *Crescentia Cujete* Linn. (*Crescentia acuminata* H. B. K., *Crescentia fasciculata* Miers.,) da família das Bignoniáceas.

Árvore baixa de ramos longos, nodosos, um tanto pêndulos, formando copa frondosa. Fôlhas sésseis ou curto-alado-pecioladas, persistentes, alternas, freqüentemente fasciculadas, oblongo-lanceoladas, inteiras e glabras. Flores campanuladas, solitárias ou geminadas, grandes, irregulares, purpúreo-pardacentas, no tronco e hastes principais. Fruto: grande baga indeiscente, até 30 cm. de diâmetro, oval ou subglobosa, de pericarpo lenhoso, delgado, leve, flexível e resistente, contendo uma polpa esbranquiçada, suculenta, envolvendo numerosas sementes chatas e amareladas.

Cultivada junto às habitações campestres pelos seus valiosos frutos, que, limpos da polpa interna, serrados no sentido longitudinal, constituem as *cuias*, largamente usadas na vida doméstica rural. Polpa emoliente. A infusão das fôlhas passa por diurética. O liber da casca substitui o papel para cigarros.

Desde o sul da Flórida até a América meridional. Da Amazônia ao Rio de Janeiro e Goiás. Cultivada nos trópicos do Velho Mundo.

Cuieira, na Amazônia; *Cabaço*, em Pernambuco; *Cuité* e *Cuia*, nos Estados meridionais.

COLÉS. — *Convolvulus* sp., da família das Convolculáceas.

A respeito desta planta escrevia o futuro Senador Pompeu em 1863, o seguinte:

> "espécie trepadeira, que dá uma raíz feculenta, da família das convolvuláceas, e de que usam em tempo de penúria. Dizem que com o abuso dela muitas pessoas teem perdido todos ou parte dos sentidos. Na Paraíba (afirma o farmacêutico Mamede) uma família inteira, que usou desse alimento, sofreu grave lesão no organismo, uns ficaram cegos, outros perderam o tato, outros a audição, e quase tôdos a fala. No Maranguape havia dois irmãos, homem e mulher, que ficaram surdos e cegos..."

COLÔNIA. — *Languas speciosa* Small. (*Zerumbet speciosum* Wendl., *Alpinia nutans* Rosc., *Alpinia speciosa* Schum.), da família das Zingiberáceas.

Erva rizomatosa, robusta, perene, com colmos de 2-3 m. de altura, lisos, verde-claros, agrupados em touceiras. Fôlhas lanceolado-oblongas, pontudas, invaginantes, verde-luzidias, de margens ciliadas, de 50-70 cm. de comprimento sôbre 10-12 de largura. Flores ligeiramente aromáticas, dispostas em cachos, grandes, amarelo-róseas, com 3 lobos e 1 grande lábio. Cápsula sub-globosa, de 2 cm. de diâmetro, polispérmica.

Flores, fôlhas e rizomas corroborantes, depurativos, diuréticos, constituindo os rizomas uma sorte de *Galanga* falsa.

Nativa das ilhas da Ásia oriental, porém vulgarizada no Brasil.

COMANDAÍBA. — *Sophora tomentosa* Linn., da família das Leguminosas Papilionóideas.

Arbusto erecto. Fôlhas imparipinadas, 11-15 folíolos ovais ou arredondados, obtusos, um pouco tomentosos, de 3 cm. de comprimento por 2 de largura. Flores de um belo amarelo, em racímos terminais. Vagem comprida, estreita, contraída entre as sementes, em número de 5-10.

Cresce nas restingas. Brasil e trópico africano. *Feijão da Praia*, outro apelido de uso corrente.

COMBOEIRO. — Retirante.

COMARI. — Pimenta Comari.

COMINHO. — *Cuminum Cyminum* Linn., da família das Umbelíferas.

Erva aromática, de fôlhas multífidas, com lacínias lineares setáceas. Flores em umbelas, brancas e tintas de vermelho. Aquênio ovoide-alongado, cinzento-escuro, cujo sabor e aroma característicos são devidos a uma mistura de *cimol* e de *cuminol*.

Raramente cultivado. Natural da região mediterrânea.

COMINHO BRAVO. — Nome das duas Compostas:

1. — *Pectis .apodocephala* Baker (*Lorentea brevipedunculata* Gardn.) — Planta herbácea, erecta ou rasteira, com aroma de limão. Fôlhas opostas, lineares, ciliadas na base, verde-escuras, pontuadas de negro. Flores amareladas, pequenas, em capítulos solitários, sésseis. Aquênio linear com papo persistente, cerdoso.

Tôda a planta é estomacal e tônica.

Quase todo o Brasil. *Catinga de Formiga*, no Rio de Janeiro e demais Estados meridionais. *Alecrim Bravo*, denominação também em uso no Ceará.

2. — *Pectis elongata* H. B. K. (*Lorentea polycephala* Gardn.) — Planta herbácea, anual, setoso-ciliada na base e glabra na parte superior, de ramos avermelhados. Fôlhas opostas, sésseis, aristado-denteadas, rígidas, ásperas, pontuadas de preto na página inferior. Flores pe-

diceladas, amarelas, pequenas, em capítulos radiados e pendunculados, formando corimbos frouxos no ápice dos ramos. Aquênio preto, com papo persistente, de cerdas castanhas, compridas, maiores às vêzes que os frutos.

As mesmas propriedades medicinais da anterior.

CONDESSA. — *Annona reticulata* Linn. (*Annona longifolia* Sessé & Moc.), da família das Anonáceas.

Árvore de 4-7 m. de altura, com a casca cinzenta, ligeiramente sulcada. Fôlhas alternas, ásperas, decíduas, oblongo-lanceoladas, agudas, avermelhadas na página inferior, quase glabras. Flores amareladas, ou branco-esverdeadas, manchadas de púrpura por dentro e vermelho-escuras na base, dispostas em racímos. Baga composta, geralmente cordiforme, de casca lisa ou um pouco espinescente, amarela, avermelhada ou vermelho-parda quando madura, reticulada penta ou hexagonalmente, tendo polpa branca ou rósea, adocicada ou insípida, com sementes castanhas.

Existe uma variedade de frutos verdes, oblongos, curvos, um pouco espinescentes, e outra cujos frutos são vermelho-alaranjados, juntamente com a polpa, esféricos e lisos.

A polpa é ordinária, um tanto enjoativa. Nas Antilhas, consomem o fruto como legume. Ás vêzes, nessas ilhas, cortam a pôlpa em talhadas, cobrem de açúcar e canela, e as põem a secar. As fôlhas são fétidas, narcóticas, resolutivas. As sementes, sêcas e reduzidas a pó, gozam de propriedades febrífugas e antidiarréicas.

Nativa nas Antilhas, na América Central e talvez em algumas partes da América do Sul. *Fruta de Conde* ou de *Condessa*, na Bahia; *Coração de Boi*, no Rio e em São Paulo.

CONDURU. — *Brosimum Gaudichaudii* Trec. (*Brosimum refractum* Mart.), da família das Moráceas.

Arvoreta com ramúsculos pardo-pubescentes. Fôlhas alternas, pecioladas, coriáceas, rígidas, grossas, elíticas, ovado-elíticas ou oblongas, de ápice chanfrado, obtuso ou acumiado. Flores monoicas em capítulos pendunculados, na axila das fôlhas. Drupa globosa, 1,5 mm. de diâmetro.

Fruto comível. Madeira vermelha para marcenaria.

Piauí, Ceará, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, *Apé*, neste último Estado.

CONDURU DE SANGUE. — *Brosimum Conduru* Fr. All., da família das Moráceas.

Espécie duvidosa. Trata-se de árvore possante, com 1 m. de diâmetro, produtora de madeira vermelho-escura, para carpintaria, construção naval, obras externas.

Assinalada no Ceará por Freire Alemão. Alguns autores atribuem a classificação a Schott.

CONTRA-ERVA. — Nome comum às seguintes Moráceas:

1. — *Dorstenia brasiliensis* Lam. — Planta herbácea, quase rasteira, vivaz, rizomatosa, aromática. Fôlhas radicais, ovais, finamente sinuoso-serreadas, com pecíolos pubescentes. Inflorescência em capítulos de flores alvas, insignificantes.

Ceará até Rio Grande de Sul e Minas Gerais.

2. — *Dorstenia Cayapia* Vell. var. *opifera* Mart. — Herbácea, vivaz, caule um tanto subterrâneo, com raiz tuberosa placentiforme. Fôlhas radicais, oblongo-ovadas, obtusas, profundamente cordiformes na base, piloso-hirsutas, de pecíolos híspido-pubescentes. Flores em capítulos.

Do Piauí até São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. *Liga-Osso*, em Pernambuco.

As raizes de ambas, principalmente da primeira, são diaforéticas, diuréticas, emenagogas e mormente béquicas. Pompeu, transcrevendo

nota fornecida pelo botânico Freire Alemão Sobrinho, assinala a respeito das duas: "Usam do xarope preparado com a planta fresca contra as queixas do peito, nas amenorréias e dismenorréias chamadas *desmantelos*, quase sempre precedidas de clorose, sendo inconveniente o seu emprêgo nas metrites e ovarites".

COPAÍBA. — Pau d'óleo.

COPO DE LEITE. — *Richardia africana* Kunth. (*Calla aethiopica* Linn., *Zantedeschia aethiopica* Spreng.), da família das Aráceas.

Planta hidrófita, acaule, rizomatosa, formando tufos de 1,50 m. de altura. Fôlhas grandes, sagitado-cordiformes. Inflorescência composta de espadice cilíndrica e amarela, densamente revestida de flores masculinas na parte superior, enquanto que as femininas se alojam no trato inferior, envôlta por espata branquíssima, irregularmente campanulada, impròpriamente chamada de *flor*.

Natural da África do Sul.

COQUEIRINHO. — Alho do Mato.

COQUEIRO. — Côco da Praia.

COQUEIRO DE VÊNUS. — Dracena (*Cordyline terminalis* Kunth.).

COQUINHO. — Alho do Mato e Ubim.

CORAÇÃO. — *Piper gigantifolium* C.DC., da família das Piperáceas.

Arbusto de 2-3 m. de altura. Fôlhas longo-pecioladas, grandes, elíticas, oblongo-agudas, irregularmente cordadas. Flores dispostas em espigas axilares. Pequena baga glabra.

Na Serra de Baturité foi também assinalada a variedade *brevipedunculatum* C.DC., com o pecíolo mais curto.

A infusão das espigas passa por carminativo e estomáquio.

Cresce na parte alta e úmida da Serra de Baturité.

CORAÇÃO DE ESTUDANTE. — Denominação extensiva a diversas espécies de Begoniáceas, tanto do gênero *Begonia* como do *Oxalis*.

CORAÇÃO DE NEGRO. — Denominação comum às Leguminosas Papilionóideas.

1. — *Machaerium acutifolium* Vog. — Árvore inerme e de porte mediano. Fôlhas imparipinadas, 13-17 folíolos oblongos, agudos, glabros ou pubescentes. Panículas curtas de flores roxas. Vagem pequena e alada.

Madeira pesada, difícil de ser trabalhada, de cerne pardo carregado, com veios escuros violáceos, para móveis, tacos e carpintaria em geral.

Do Pará até São Paulo, inclusive Minas Gerais. *Jacarandá*, em quase todos os Estados de sua incidência. *Violete*, no Maranhão.

2. — *Machaerium amplum* Benth. — Árvore pequena com ramos um tanto decumbentes. Fôlhas imparipinadas. 11-17 folíolos glabros, oblongos, de base e ápice arredondados. Flores roxas dispostas em grandes pseudo-panículas. Vagem pequena e alada.

Propriedades da anterior. Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Goiás e Mato Grosso.

CORAL. — *Manettia ignita* Schum. (*Guagnebina ignita* Vell.), da família das Rubiáceas.

Linda trepadeira provida de brotos axilares ganchosos. Fôlhas opostas, quase glabras, elíticas, cordiformes ou lanceoladas. Flores tubulosas, vermelhas, axilares, com pedúnculos delgados.

Cultivada nos jardins.

Do Ceará ao Paraguai.

CORDÃO DE FRADE. — *Leonotis nepetaefolia* R. Br. (*Phlomis nepetaefolia* Linn., *Stachy mediterranea* Vel.), da família das Labiadas.

Planta anual, sublenhosa, até 2 m. de altura. Caule sulcado, qua-

drangular, aveludado-pubescente. Fôlhas opostas, ovais, crenadas, pequenas, tenue-tomentosas, glanduloso-pontilhadas. Flores alaranjadas, aglomeradas em grandes capítulos globosos, separados, abraçados ao caule, a lembrar os nós dos cordões que cingem a citnura dos frades.

A infusão de tôda a planta é diurética, estomacal e tônica. Externamente empregam o cozimento em banhos aromáticos.

Planta caracterìsticamente ruderal. Todo o Brasil.

CORDÃO DE S. FRANCISCO. — Cordão de Frade.

CORINDIBA. — Gurindiba.

COROA DE CRISTO. — *Euphorbia Tirucalli* Linn., da família das Euforbiáceas.

Arbusto ou arvoreta com numerosos ramos verticilados, cilíndricos, estriados, verdes, lactescentes e áfilos. Flores pequenas, cinábrias, raras.

Excelente para cêrcas vivas, intransponíveis tanto pelo emaranhado dos galhos como pela causticidade de seu *látex*. Êste é tido como capaz de cegar e o aplicam na limpeza de úlceras fagedênicas.

Natural da Ásia. A esta espécie chamam no sul do Ceará de *Avelós*, nome extensivo aos demais Estados até São Paulo.

COROA DE FRADE. — Sob êste título incluem-se as Cactáceas pertencentes ao gênero *Melocactus*. Distinguem-se pelo caule pequeno, globoso, angulado, coroado de pêlos hispidos e semi-aculeados a lembrar uma cabeça tonsurada.

1. — *Melocactus bahiensis* (Britt, et Rose) Werderm. — Globoso, armadíssimo, tem superiormente um disco circular encarnado.

Dos sertões sêcos de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

2. — *Melocactus depressus* Hook. — Globoso-cônico, de centro deprimido, até 12 cm. de altura. Arestas em número de 10, areoladas de acúleos dispostos em grupos de 5-7. Flores e bagas róseas.

Ceará e Pernambuco.

3. — *Melocactus Ernestii* Vaupel — Freqüente em todo o Nordeste.

4. — *Melocactus goniodacanthus* Lem. — Cônico, tem 16-20 arestas perpendiculares, revestidas de feixes de acúleos desiguais. Flores róseas.

Pernambuco, Bahia, Minas Gerais.

5. — *Melocactus violaceus* Pfeiff. — Subgloboso, com 12 cm. de comprimento sôbre 10 de diâmetro, de um tom verde-escuro ou verde-violáceo, tem 10-12 arestas cobertas de grandes acúleos erectos e rígidos, violáceos ou avermelhados, que se tornam cinzentos com a idade.

De Pernambuco ao Rio de Janeiro.

CORONGO. — *Gomphrena leucocephala* Mart., da família das Amarantáceas.

Erva até 20 cm. de altura. Fôlhas estreito-lanceoladas, agudas, inteiras, pilosas. Flores brancacentas em capítulos terminais, erectos, solitários e globosos.

Raízes aromático-amargas, usadas nas diarréias e dispepsias.

Do Maranhão até Alagoas.

CORONHA. — *Acacia Farnesiana* Willd. (*Mimosa Farnesiana* Linn.). da família das Leguminosas Mimosóideas.

Pequena árvore ornamental, de fôlhas pinadas, com 20-25 folíolos, cujas estípulas se transformaram em espinhos rijos e pungentes.

Cultivada junto às habitações pelas flores fragrantes e de um amarelo-vivo, arranjadas em pequenos glomérulos globosos. O tronco exsuda resina similar à goma-arábica. Taníferos os frutos, cascas e raízes. Fôlhas forrageiras. Madeira para estacas, de pêso específico entre 0,780 a 0,830. A polpa do fruto, verde ou madura, usam como emoliente e a infusão das raízes como calmante.

Origem duvidosa. Encontrada nas regiões tropicais e subtropicais de ambos os hemisférios. *Coroinha*, na Paraíba; *Esponja, Esponjeira, Aromas*, da Bahia para o Sul.

CORTIÇA. — *Aeschynomene sensitiva* Swartz., da família das Leguminosas Papilionóideas.

Arbusto muito ramificado, até 3 m. de altura. Fôlhas imparipinadas, 10-15 jugas, extremamente sensíveis, fechando-se ao menor contacto. Flores amarelo-pálidas com veias vermelhas, dispostas em racimos. Vagem articulada, levemente curvada, que adere à roupa.

Planta hidrófila. As raízes e a parte inferior do caule, mergulhadas no solo lamacento, cobrem-se de um tecido suberoso, que substitui com vantagem a cortiça, advindo-lhe daí o nome popular. Forrageira procurada pelo gado, mas de pouca produção foliácea, tendo a relação nutritiva de 1:1,3 a 1:2,8.

Cresce na América tropical e África. Todo o Brasil. *Cortiça* e *Paricázinho*, no Pará; *Corticeira*, em Pernambuco; *Corticeira do Campo*, na Bahia; *Sensitiva Mansa*, em São Paulo.

CORTINA. — Anil Trepador.

COUVE. — *Brassica oleracea* Linn., da família das Crucíferas.

Originária da Europa ocidental e meridional, esta importante hortaliça de fôlhas grandes e carnudas, orbiculares ou ovais, apresenta inúmeras formas obtidas e fixadas por longa cultura. Vulgarmente êste nome cabe às formas *acéfalas*, isto é, sem cabeças, diferentes, por conseguinte, do repôlho e da couve-flor.

Interessam-nos as variedades que se seguem, cultivadas em nossas hortas, com fôlhas lisas ou crespas, verde-claras, verde-escuras, até violáceas.

Couve Galêga, com fôlhas lisas, tenras, mas de inferior qualidade; *Couve de Todo Ano*, caracterizada pelo porte, que chega a atingir mais de 1 m. de altura; *Couve Tronchuda Portuguêsa*, de fôlhas largas, carnosas, tenras, um tanto fechadas; *Couve Manteiga*, de fôlhas lisas ou crespas, grossas e tenras; *Couve Crespa*, de fôlhas grandes e frisadas; *Couve Lombarda*, de pé curto, chato e fôlhas grandes, rugosas, violáceas; *Couve de Bruxelas* (var. *gemmifera*), de haste ramificada, com brotos laterais comíveis, fôlhas pequenas e macias.

A composição média da couve comum é a seguinte:

Água	91,24%
Proteínas	8,82%
Mat. graxas	0,21%
Carbos-hidratos	2,94%
Fibras	1,67%
Cinza	1,74%

COUVE-FLOR. — *Brassica oleracea* Linn. var *botrytis*, da família das Crucíferas.

Com diversas formas, passa por ser o representante de mais valia do gênero *Brassica*. Natural do Velho Continente.

Além das fôlhas comestíveis, as inflorescências e ramificações transformam-se em massa carnosa, macia, delicada, que faz dessa hortaliça uma das mais apreciadas do mundo.

Exigente quanto ao clima, cresce bem no sertão, porém quase não frutifica, como observou Carlos Bastos Tigre, no Posto Agrícola de Condado, na Paraíba.

CRAÍBA. — Caraúba.

CRAUÁ. — Gravatá de Rêde.

CRAVINA. — Denominação comum às seguintes Cariofiláceas: *Dianthus barbatus* Linn., *Dianthus sinensis* Linn., *Dianthus plumarius* Linn.

São plantas herbáceas, pequenas, de fôlhas opostas, com flores terminais, de cálice e corola denteados, com grande número de formas de flores singelas ou dobradas, unicolores ou variegadas.

Bastante cultivadas nos jardins. As duas primeiras são asiáticas e a última européia.

CRAVINHO DE DEFUNTO. — Cravo de Defunto Singelo.

CRAVO. — *Dianthus Caryophyllus* Linn. da família das Cariofiláceas.

Espécie herbácea, de fôlhas pálidas, lineares, glabras, com flores solitárias, deliciosamente perfumadas e duráveis, com todos os matizes, exceto a côr azul.

Eurasiática.

CRAVO BRAVO. — Cominho Bravo.

CRAVO DA ÍNDIA. — *Eugenia aromatica* Baill. (*Caryophyllus aromaticus* Linn.), da família das Cariofiláceas.

Árvore elegante e alta. Fôlhas opostas, coriáceas, luzidias, pontudas. Flores aromáticas, muito caducas, de cálice purpúreo e pétalas róseo-purpúreas, dispostas em cimos tricótomos terminais.

As fôlhas despidas das pétalas e dos estames postas a secar, adquirem côr quase preta e constituem o *Cravo da Índia*, outrora uma das especiarias e ainda hoje muito usado na culinária e na indústria de perfumes

Natural das Molucas. Raramente cultivado.

CRAVO DE DEFUNTO. — *Tagetes erecta* Linn. (*Tagettes major* Gaertn.) da família das Compostas:

Erva ramosa, glabra, até 1,50 m. de altura. Fôlhas opostas ou alternas, profundamente dilaceradas, glandulosas e aromáticas. Capítulos grandes, de pedúnculos entumescidos no ápice, solitários, multifloros, amarelo-pálidos, de lígulas grandes e invólucro campanulado e sulcado. Aquênio linear multiestriado, com sementes pretas.

Há variedades de flores dobradas, grandes, até 7 cm. de diâmetro, de côr amarelo-citrino e amarelo-enxôfre. Há outras, de porte anão.

Riquíssima em flores, mas pouco cultivada nos jardins, sendo a planta ornamental preferida para as sepulturas, daí o seu nome de Cravo de Defunto, encontrado em outros países americanos; *Clavel de Muerto* e *Flor de Muerto*, na Venezuela e em Cuba; *Flor de los Muertos*, no México. As flores são peitorais e calmantes, em infusão. Na Índia extraem delas uma matéria corante, empregada no tingimento da lã e da sêda.

Mexicana. Naturalizada e ruderal no Brasil. *Rosa de Defunto*, *Rosa da Índia*, no Rio de Janeiro.

CRAVO DE DEFUNTO MIÚDO. — *Tagetes minuta* Linn. (*Tagetes porophyllum* Vell.), da família das Compostas.

Planta herbácea, erecta, ramosa, até 2 m. de altura. Fôlhas pinatífidas, glandulosas, aromáticas. Capítulos pequenos, denso-corimbosos, 5-flores, de perianto amarelo-pálido ou amarelo-enxofre, com invólucro cilíndrico, glabro, verde estiado de castanho.

Propriedades medciinais idênticas às do anterior.

América do Sul. Todo o Brasil. *Cravo de Urubu*, em Pernambuco; *Coará* ou *Coari Bravo*, na Bahia; *Cravo de Defunto do Mato*, no Rio de Janeiro; *Cravo Bravo* ou *Coari*, em S. Paulo.

CRAVO DE DEFUNTO SINGELO. — *Tagetes patula* Linn., da família das Compostas.

Menor do que a *T. erecta* Linn., até 50 cm., de altura, com capítulos grandes, solitários, multifloros, compostos de flores pardo-avermelhadas, marginais ou pintadas de amarelo; lígulas onduladas e grandes; invólucro oblongo, às vêzes com estrias pardacentas.

Há grande número de variedades, simples ou dobradas, gigantes e anãs, com diversas tonalidades da côr amarela.

Propriedades ornamentais e medicinais idênticas às da *T. erecta* Linn

Mexicano. Naturalizado no Brasil, sendo o Cravo de Defunto mais comum entre nós.

CRAVO DE URUBU. — *Porophyllum ruderale* Cas. (*Keina rude-*

rale Jacq., *Cacalia porophyllum* Linn.), da família das Compostas.

Erva anual, glabra, erecta, cêrca de 1 m. de altura. Fôlhas alternas, inteiras, longo-pecioladas, cuneiformes, glandulosas, glaucas, com estrias pequenas e pretas. Capítulos discoides, numerosos, curto-pedunculados, de flores bronzeadas, quase pretas e de um cheiro nauseabundo, intenso. Aquênio linear, castanho-escuro, peludo.

América tropical. Em todo o Brasil. *Couve Cravinho*, na Bahia, Rio e São Paulo; no Rio de Janeiro, ainda é conhecida por *Couvinha* e *Erva Couvinha*.

CRAVO DO CAMPO. — *Wulffia stenoglossa* DC. (*Verbesina membranifolia* Poir.), da família das Composats.

Planta herbácea, erecta ou trepadeira, até 3 m. de altura. Fôlhas opostas, pecioladas, ovais, ásperas. Flores amarelas em capítulos terminais e axilares. O fruto, ao contrário do das demais espécies de Compostas, não é um aquênio, mas constituído de numerosas drupas obcônicas, de polpa sucosa e transparente, com um caroço preto, muito duro.

Das Antilhas ao Paraguai. Todo o Brasil. *Jambu*, na Amazônia; *Craveiro de Campo*, no Rio Grande do Sul.

CRISANDÁLIA. — Nome aplicado ao cruzamento de crisântemos e dálias. Na prática florícola esta denominação torna-se extensiva a diversas variedades de Compostas, que passam como provindas de cruzamentos entre a *Dahlia coccinea* Cav. e a *Dahlia variabilis* Desf., ponto de vista aliás duvidoso, por não se arrimar em fatos conhecidos, mas em meras suposições.

São formas altamente ornamentais, rústicas, de lindos efeitos, muito procuradas para jardins.

CRISÂNTEMO. — Denominação das duas Compostas:

1. — *Chrysanthemum indicum* Linn. (*Pyrethrum indicum* Cas.)

2. — *Chrysanthemum morifolium* Ram. (*Chrysanthemum sinense* Sab.).

Ambas, naturais do Extremo-Oriente, são subarbustivas, até um pouco mais de 1 m., muito parecidas entre si, altamente decorativas, com um sem número de formas obtidas por hibridação, de grandes capítulos hemisféricos ou radiados, com as lígulas tubulosas ou recurvadas, brancos ou ostentando todos os matizes do amarelo e do vermelho, simples ou listrados.

No Ceará são cultivados nos jardins serranos.

CRISTA DE GALO. — Apelido das seguintes Amarantáceas:

1. — *Amaranthus cruentus* Linn. (*Amaranthus sanguineus* Linn.) — Erva de caule pulverulento pubescente e flores em espigas compridas, vermelho-esverdeadas, vermelhas, purpúreas ou amarelas. Ornamental. Na índia é cultivada intensivamente e das sementes retiram uma farinha comestível.

Originário da América. *Bredo*, em Pernambuco; *Bredo Vermelho* e *Veludo Vermelho*, na Bahia.

2. — *Celosia argentea* Linn. e *Celosia cristata* Linn. — Na opinião de alguns tratadistas a *C. argentea* não é mais do que a forma primitiva da segunda.

São plantas herbáceas, carnosas, erectas, até 60 cm. de altura.

Fôlhas simples, alternas, longo-pecioladas, ovadas ou ovado-lanceoladas. Flores insignificantes, dispostas em inflorescências de rara beleza, fasciadas, aveludadas, brilhantes e de côres diversas.

Originária da índia. *Beijo de Palmas*, ainda no Ceará e em Alagoas; *Crista de Galo* e *Bredo de Namorado*, em Pernambuco; *Veludo Branco* (*C. argentea*), na Bahia.

CRISTA DE PERU. — Nome das Euforbiáceas ornamentais:

1. — *Acalypha illustrata* Hort. — Arbusto de porte elevado. Fôlhas simples, alternas, longo-pecioladas, serreadas, glabras, manchadas,

vermelhas e roxas. Flores pequenas, vermelhas, as masculinas assépalas, as femininas com cálice, dispostas aquelas em grandes amentilhos pendentes.

2. — *Acalypha marginata* Spreng. — Com o porte da precedente, tendo, porém, as fôlhas pintadas, verdes ou roxas, marginadas de vermelho ou amarelo.

Natural da índia.

Por causa das espigas pendentes ambas são também conhecidas como *Rabo de Rapôsa,* nos Estados meridionais.

CROÁ. — Croatá.

CROATÁ. — *Bromelia karatas* Linn. (Bromelia fastuosa Lindl.), da família das Bromeliáceas.

Planta vivaz, herbácea, quase acaule. Fôlhas ensiformes, coriáceas, aculeadas nas margens, verdes, vermelhas na base do caule, ou de extremidades avermelhadas, até 2 m. 50 de comprimento, dispostas em ampla roseta. Flores de cálice branco, pétalas roxas, em espiga grossa defendida por bráctea branca. Baga amarela, ovoide, com muitas sementes, comestível, mas de gôsto desagradável.

Das fôlhas retira-se fibra sedosa para cordas, tapêtes, capachos e mantas de animais. Diz Esmerino Parente que "um gravatazal pode fornecer de 40 a 50 toneladas de fôlhas verdes por hectare ou seja mais ou menos 2.500 quilos de fibras sêcas".

Do Piauí até o Paraná. Cresce por todo o Nordeste, onde seu nome apresenta uma gama de formas: *Caraguatá, Caraúatá, Caroatá, Caruatá, Coroatá, Crauatá, Gravatá.* Para Martius, *croatá* é uma contração de *caragoatá,* erva que arranha o viandante, de *caranhe,* arranhar, e *oatá,* o que anda, por causa dos espinhos. T. Sampaio fá-lo derivar de *carauá-tá,* o *caurauá* rijo, duro.

CROATÀÇU. — *Fourcroya gigantea* Vent. da família das Amarilidáceas.

Planta acaule, de fôlhas lanceoladas, grossas, duras, radicantes, medindo mais de 2 m. de comprimento. Flores brancas de 6 estames dispostas num longo pedúnculo florífero de 8-10 metros, onde se formam os bolbilhos reprodutores.

Pouco explorada. Costumam nas serras frescas plantá-las nas divisas das propriedades. As suas fôlhas gigantescas dão fibras fortes, sedosas, de 2 m. de extensão, empregadas na cordoaria, tecidos grosseiros, suadores de selas e cangalhas. As fôlhas frescas, esmagadas ou ligeiramente assadas, aplicam-se no tratamento das feridas. Igualmente servem para tinguijar a água dos poços e lagoas. Com a medula da inflorescência, depois de sêca, confeccionam boias, rôlhas, afiadores de navalhas e de instrumentos cirrúrgicos, encontrando ainda larga aplicação entre os entomólogos, como base das caixas em que prendem os insetos.

América tropical. *Gravataçu* em Pernambuco; *Piteira,* da Bahia para o Sul.

CRÓTON. — *Codiaeum variegatum* Blume (*Croton variegatus* Linn)., da família das Euforbiáceas.

A espécie apresenta grande número de variedades subarbustivas, arbustivas ou arboretas, com fôlhas modificadas na forma, no tamanho e na côr.

Ornamental. Excelente para pequenos maciços e cêrcas vivas.

Nativa nas ilhas do Pacífico.

CRUÁ. — *Sicana odorifera* Naud. (*Cucurbita odorifera* Vell.), da família das Cucurbitáceas.

Trepadeira herbácea, robusta, de caule anguloso e sulcado, com gavinhas providas de ventosas, até 15 m. de comprimento. Fôlhas largas, orbiculares, palmati-5-9 lobadas profundamente, onduladas, denteadas, nervadas e glabras. Flores campanuladas, axilares e solitárias, de

corola carnosa, amarelo-alaranjada. Baga perfumada, cilíndrica, denteada, 30-60 cm. de comprimento, amarela, vermelha ou alaranjada, de casca dura e resistente, com polpa amarela e sementes elíticas, achatadas.

A infusão das sementes e da casca do fruto usa-se nas hemorragias uterinas. Na América Central, onde é cultivado como ornamental ou a título de curiosidade, aproveitam os frutos para perfumar as roupas e as igrejas, por ocasião das festas da Semana Santa e da Natividade. No México fazem doces com os frutos maduros.

Nativo da América do Sul tropical. Ainda no Ceará, como na Bahia, é conhecido por *Melão de Caboclo, Coroá, Curuá,* em Minas Gerais.

CRUILI. — *Mauriria guayanensis* Aubl. (*Petaloma Mouriri* Swartz), da família das Melastomáceas.

Árvore até 10 m. de altura. Fôlhas opostas, curto-pecioladas, inteiras, coriáceas, ovadas, acuminadas. Flores pequenas, amarelas, em cimos axilares. Baga globosa, amarela, pontuada de vermelho.

Madeira dura. Folhas adstringentes, cujo cozimento empregam na lavagem de úlceras e em banhos vaginais, após o parto.

Das Guianas ao Nordeste e Mato Grosso. *Murta de Parida* e *Muriri,* na Amazônia. *Cruili* é denominação paraíbana e baiana. Pio Corrêa a registra sob o nome de *Creoula.*

CUITÉ. — Coité.

CUMARU. — *Torresea cearensis* Fr. All. (*Amburana Claudii* Schw. & Taub., *Amburana cearensis* A. Smith), da família das Leguminosas Papilionóideas.

Árvore de porte regular, até 10 m. de altura, revestida por uma casca vermelho-pardacenta, suberosa, que se destaca em lâminas finas. Fôlhas alternas, com 10-15 folíolos ovados. As flores brancacentas, miúdas e muito aromáticas, formam lindos racimos axiliares, multifloros, que cobrem inteiramente os galhos despidos de fôlhas por ocasião da floração. Vagem achatada e quase preta, contendo uma semente alada, achatada e rugosa, preta, de cheiro ativo e agradável.

Madeira castanho-clara, leve (0,600 de peso específico), porosa, elástica, facil de empenar, porém estimada para portadas, obras internas e especialmente móveis, por ser refratária ao ataque dos insetos. As sementes servem para aromatizar o rapé e as roupas, substituindo o cumaru verdadeiro (*Diptery odorata* Willd.) e por largo tempo conservar o cheiro característico de cumarina. Cascas e sementes peitorais, antispasmódicas, emenagogas. O banho das cascas usam nas dores reumáticas.

Nordeste e Centro do Brasil. Argentina. Conhecida também por *Imburana de Cheiro.* Para Batista Caetano, Cumaru é corrutela de *cumbarú: cu,* alimento, *mboori,* alegrar. Por sua vez, Paulino Nogueira, prefere a seguinte etimologia: *curu,* comprido, *uá,* fruto, semente, *aru* do verbo *rub,* eu tenho — o que tem semente comprida. Já T. Sampaio afirma ser corrupção de *cu - mbboré,* o que excita a língua.

CUMARU DO CEARÁ. — Cumaru.

CUMATI. — *Psidium albidum* Camb., da família das Mirtáceas.

Arbusto de pequeno porte. Fôlhas miúdas, pecioladas, elíticas, luzidias, pubescentes na página superior, branco-tomentosas na inferior. Flores alvas, aromáticas, solitárias, em pedúnculos axilares. Baga ovoide, branco-tomentosa quando madura, comestível.

Ceará até ao Paraná e Minas Gerais. *Araçá do Mato,* em Alagoas; *Araçá do Campo,* em Sergipe; *Araçá Cotão* e *Araçá do Mato,* em Minas Gerais.

O nome é corrutela de *cu,* alimento, comer; *uá,* fruto; *i,* diminutivo, anteposto o *t* por eufonia — fruto pequeno que se come.

CUNHÃ. — A denominação abrange representantes da família das

Leguminosas Papilionadas, pertencentes ao gênero *Centrosema* — *C. angustifolium* Benth., *C. brasilianum* Benth., *C. dubium* Hemsl., *C. pascuorum* Mart. var. *prostratum* Hub.

Tôdas são pequenas trepadeiras herbáceas, de caules glabros, prostradas ou sôbre arbustos ou arvoretas, com 3 ou mais folíolos. As flores são grandes, campanuladas, de estandarte longo com uma espora na base, coloridas de róseo, vermelho, roxo. O fruto é uma vagem achatada, com 2 linhas ou alas de cada lado.

Pantropicais. Do Amazônas até São Paulo, inclusive Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. *Feijão Bravo*, na Amazônia.

Cunhã, mulher na língua tupi, talvez aplicado à planta pela forma da flor.

CUPUAÇU. — *Theobroma grandiflorum* Schum., da família das Esterculiáceas.

Árvore de tamanho regular, de ramos longos e flexíveis. Fôlhas pecioladas, oblongo-acuminadas, esbranquiçadas na página inferior quando novas. Flores grandes, vermelho-escuras, em cachos de 2-4, brotando dos galhos. Cápsula grande, que lembra a do cacau, 24 cm. de comprimento por 12 de diâmetro, castanho-escura, aveludada, elítica, com muitas sementes envôltas numa polpa branca, mucilaginosa, perfumada quando madura.

Fazem chocolate das sementes. Estas encerram 48% de gordura branca, sucedânea da manteiga de cacau. A polpa produz magnífico refrigerante e excelente compota.

Natural da Amazônia. Poucos exemplares cultivados em nossas serras úmidas.

D

DÁLIA. — Denominação científica, universalmente vulgarizada, de certas Compostas decorativas, originárias das terras altas do México.

As dálias foram levadas à Espanha em 1789, florindo, pela primeira vez, em 1791, no Jardim Botânico de Madrid. Olhadas a princípio como plantas agrícolas, rivais da batatinha, as suas qualidades ornamentais logo despertaram a atenção dos jardineiros e, sob os cuidados dêstes, deram milhares de híbridos e formas novas, com flores simples, dobradas ou meio dobradas, grandes e pequenas, de todas as côres, exceto a azul.

Esta multiplicidade de formas cria certas divergências entre os sistematas do gênero. Assim, Cavanilles reuniu as dálias em três espécies: *Dhalia pinnata, Dahlia coccinea, Dahlia rosea.* Por sua vez, Voss combina as espécies citadas sob o nome de *Dhalia pinnata* Cav., distribuindo-as, juntamente com outras, do modo que se segue:

Dhalia pinnata Cav.;

Dahlia pinnata Cav. var. *coccinea* Voss. (*D. coccinea* Cav. *D. rosea* Cav., in part., *D. frustranea* DC., *D. crocea* Poir., *D. bidentifolia* Salisb., *D. mexicana* Hort.);

Dahlia pinnata Cav. var. *gracilis* Voss. (*D. gracilis* Hort.).

Dahlia pinnata Cav. var. *Cervantesii* Voss. (*D. Cervantesii* Lag.);

Dahlia pinnata Cav. var. *variabilis* Voss. (*D. variabilis* Desf., *D. rosea* Cav., in part., *D. sambucifolia* Salisb., *D. superflua* Ait., *D. purpurea* Poir.).

Praticamente foram classificadas em certo número de grupos: as *Dálias Cactos,* de pétalas finas, com flores que recordam as dos cactos; *Dálias Crisântemos,* as conhecidas *Crisandálias,* dobradas, variegadas, parecidas com um crisântemo; *Dálias-Anêmonas, Dálias-Ninféias,* lembrando as flores das anêmonas e das ninfeáceas; *Dálias-Liliputianas* ou *Pompons,* miniatura das variedades de flores grandes; *Dálias-Diademadas,* de flores centrais fingindo um colarinho; *Dálias-Georginas,* com flores globosas, mais ou menos grandes.

Dália vem de *Dahl*, botânico sueco que foi discípulo de Linneu.

DAMA DA NOITE. — Mensageira da Noite.

DEDAL DE DAMA. — Quarto Patacas.

DENDÊ. — *Elaeis guineensis* Linn., da família das Palmáceas.

Palmeira robusta e elegante, de estipe mais grosso que o do coqueiro, 10-20 m. de altura, coberto com as bases dos pecíolos caídos. Fôlhas em número de 20-25, compostas, pinadas, grandes. Flores em espêssas e volumosas espigas. Drupa amarelada, castanho-avermelhada ou castanho-escura, de albume oleoso, às centenas em cada racimo.

Dos frutos desta palmácea africana extrai-se um óleo alimentício — *azeite de dendê, azeite de cheiro, azeite de palma* —, largamente empregado na culinária negra. Os exemplares existentes entre nós são meramente ornamentais.

DINHEIRO EM PENCA. — Denominação das Convolvuláceas *Dichondra repens* Forst. e alguns *Evolvulus*, entre os quais o *E. pussilus*.

São ervas delicadas, de longos ramos decumbentes, cobertos de fôlhas miúdas, com uma infinidade de florzinhas claras, atapetando rochedos e terrenos úmidos ou sêcos, consoante a espécie. Cultivadas em vasos e bordas de jardineiras.

DOIS AMORES. — *Pedilanthus tithymaloides* Poit., da família das Euforbiáceas.

Arbusto lactescente, de caule carnoso e geniculado, formando touças. Fôlhas sésseis, glabras, verdes-escuras, ovadas ou oblongas, agudas. Flores vermelhas, lembrando um sapato, dispostas em cimo denso e terminal.

Aproveitado em cêrcas vivas e sebes rústicas. Antiluético e cordial.

Brasil. *Bico de Papagaio* e *Sapatinho do Diabo*, em Pernambuco. Dão-lhe ainda, inclusive entre nós, o nome de *Sapatinho de Nossa Senhora, Sapatinho de Judeu, Sapatinho do Diabo.*

DOMINGUINHA. — *Cestrum laevigatum* Schl., da família das Solanáceas.

Arbusto até 3 m. de altura, ramoso, de caule glabro e quebradiço. Fôlhas pecioladas, opostas, alternas, oblongo-lanceoladas, acuminadas, inteiras. Flores esverdeadas, odorantes, com pedicelos e cálices pulverulento-tomentosos, em fascículos aglomerados. Baga ovoide, pequena, com sementes reniformes e amarelas.

Fôlhas inseticidas, calmantes e emolientes.

Desde o Ceará até São Paulo.

DONA JOANA. — *Asclepias Currassavica* Linn., da família das Asclepiadáceas.

Subarbusto de 60 cm. a 1 m. de altura, lactescente. Fôlhas verde-escuras, brevipecioladas, opostas-decussadas, inteiras, estreitamente lanceoladas. Flores bonitas, numerosas, com pétalas vermelhas e petaloides alaranjados, em umbelas de pedúnculos compridos. Folículo glabro, estreito, pardacento-enegrecido, com numerosas sementes coroadas por um tapête de pêlos prateados e sedosos.

O látex, branco, corrosivo e emético, passa por tóxico e, ao contácto dos olhos, provoca inflamações graves, às vêzes cegueira. Embebido em algodão aplica-se nas cáries, para aliviar a dor de dente. A paina serve para enchimento de travesseiros, colchões, mantas, etc.

América tropical e subtropical. Higrófila. *Oficial de Sala* e *Leiteira*, em Pernambuco; *Cega Ôlho, Capitão de Sala* e *Oficial Sala*, na Bahia; *Erva de Rato, Erva de Rato Falsa, Oficial de Sala*, no Rio de Janeiro; *Cega-Olhos, Oficial de Sala*, em São Paulo e o último no Rio G. do Sul. ***Mata Rato***, ainda no Ceará.

DRACENA — Nome comum a Liliáceas dos gêneros *Dracaena* e *Cordyline*. Naturais das regiões quentes do Velho Mundo, são, pelo alto valor decorativo da folhagem, intensa e diversamente colorida, cultivadas por tôda parte.

As Dracenas têm o tronco sempre cilíndrico, jamais espessado na base e um ovário 3-locular, abrigando cada loja uma única semente.

As espécies mais comuns são as seguintes:

1. — *Dracaena angustifolia* Roxb., — Subarbusto de caule fino e erecto. Fôlhas sésseis, estreitas, agudas, um pouco pêndulas, verde-escuras, formando uma densa roseta no ápice dos ramos.

2. — *Dracaena fragrans* Ker-Gawl. — Arborescente. Fôlhas sésseis, oblanceoladas, agudas, largas, pêndulas, flácidas, verdes e brilhantes, aromáticas.

3. — *Dracaena deremensis* Engler — Quase arborescente. Fôlhas sésseis, estreitas, com uma larga faixa vertical branco-leitosa.

4. — *Dracaena Godseffiana* Hort. — Arborescente. Fôlhas sésseis, pequenas, ovadas ou oblongas, pêndulas, verdes com máculas e salpicos brancos.

5. — *Dracaena Goldieana* Hort. — Subarbusto. Fôlhas erectas, ovado-cordiformes, acuminadas, verdes, maculadas e barradas de branco, tendo a página inferior vermelho-vinosa.

6. — *Dracaena Sanderiana* Hort. — Arbusto pequeno e delicado. Fôlhas pêndulas ou recurvadas, estreitamente lanceoladas, listradas de branco e cinéreo.

O gênero *Cordyline* diferencia-se do *Dracaena* pelo tronco espessado e pelas 6-15 sementes em cada loja do ovário. A mais conhecida de suas espécies é a *Cordyline terminalis* Kunth. (*Dracaena terminalis* Linn., *Dracaena brasiliensis* Hort.).

Trata-se de planta arbustiva ou arborescente, de 1-4 m. de altura, fina, erecta, elegante, quase sem ramos, coroada por uma coma de fôlhas inteiras, elíticas, pecioladas, glabras, vermelhas ou pintalgadas dessa côr, medindo cêrca de 40 cm. de comprimento. Flores pequenas em panículas terminais.

É também conhecida por *Coqueiro* ou *Coqueirinho de Vênus*, em diversos Estados.